

delphica
letras & artes

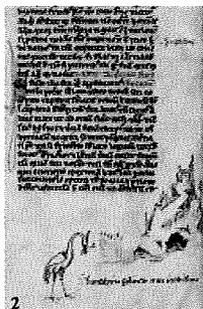
- 05 Píndaro. Pítica
Tradução
- 15 Estudo
Cultura clássica
- 24 Poesia
- 46 Ensaio
- 94 Ficção
- 104 Diário
- 112 Entrevistas
- 128 Teatro
- 142 Tradução
- 172 Impropéria
- 174 Branco y Negro
- 178 Marginália
- 180 Correspondência
Caderno

ENSAIO



PETRARCA E O GREGO

o prazer de um surdo



I

São mais de 300 os códices que, ao longo do tempo, Petrarca foi juntando no seu *armadium*. Um deles, porém, muito especial. Chegava-o ao peito e abraçava-o. Arrancava-lhe suspiros profundos.

O amor pelos livros era para o poeta uma paixão insaciável, quase um vício a roer-lhe as entranhas. Valiam o saber e as vistas largas do humanista, que iam refreando o furor de um colecionador inveterado. Sobre a sua biblioteca se ergueram os pilares do Humanismo e da latinidade renascentista. Elaborou até, em 1333 ou em data próxima, uma lista dos *libri mei peculiare*s que constitui uma espécie de cânone literário da época que se está a iniciar. Precioso símbolo deste novo universo é o tal *armadium* onde guarda as suas pérolas. Oferece-se como espaço e método alternativo à sala de leitura medieval, bordejada por estantes e bancos de trabalho. O *armadium* incorpora e tutela a paixão do colecionador, como um conjunto aberto, cujo enriquecimento é assegurado por uma ordem sistemática potencialmente infinita, contida na sua matriz. Prevê sempre outras incorporações. Incorporações latentes na indagação constante e na intensa troca de informações com amigos, nas notas que vai registando nos espaços em branco dos códices, nas emoções de cada momento e, o que é mais, no sentido que os tempos vindouros virão a dar a cada linha que coligiu, a cada traço que a sua pena descreveu.

E, contudo, aquele preciso códice que lhe arranca suspiros profundos, tamanha foi e continuou a ser a comoção da conquista, ficou imune às apostilhas da sua pena. Imaculado, é um livro de emoções que a sua caligrafia não ousa poluir. Suspiros e abraços. É quanto escreve a Nicolas Sygeros, possivelmente por inícios de 1354:

Sine qua Homerus tuus apud me mutus, imo vero ego apud illum surdus sum. Gaudeo tamen vel aspectu solo et sepe illum surdus sum. Gaudeo tamen vel aspectu solo et sepe illum amplexus ac suspirans dico: "O magne vir, quam cupide te audirem! Sed aurium mearum alteram mors obstruxit, alteram longinquitas invisita terrarum."
(Fam. 18. 2)

O Homero com que o bizantino Sygeros o presenteou é para Petrarca mudo, *mutus*. Ou, de outro modo, o ouvido de Petrarca é surdo à sua sonoridade, *surdus*. Longe de refrear o frémito do colecionador, um entendimento de outra ordem entre o mudo e o surdo parece instigá-lo. *Gaudeo tamen vel aspectu solo*, deleito-me só de olhar. É que o *gaudium* dos olhos alimenta a *cupiditas*, em estado latente, de ouvir a sua voz. Se não que os seus ouvidos são obstruídos por uma *alteram mors*, por uma *alteram longinquitas*. A morte do outro, a lonjura do outro. Sempre uma morte da alteridade. A morte que se aloja numa palavra que é significante mudo e surdo, separado do significado que na língua grega possui. A morte que se aloja em toda a linguagem, a linguagem também de um outro ausente da sua letra. A morte longínqua que vem das origens dos tempos gregos. A morte dos tantos amigos que Petrarca foi infectando com a paixão por Homero.

Petrarca não sabia grego. O próprio significante verbal daquele códice escapava-lhe. Eram fôlios e fôlios a contemplar, a fruir e a desejar através dos olhos, era escrita em estado bruto, muda, surda, a latejar e a aliciar a interpretação. Sonho visionário do humanista, desejo de corpo vocal em arroubos de abraços a fundirem-se na *cupiditas* de suspiros incontidos, *amplexus ac suspirans*.

Mas tudo começara em Verona, a cidade que o fadou para Homero e já antes para Cícero.

II

Verona escandiu etapas fulcrais da vida de Petrarca. Parecia guardar sempre alguma coisa apeteidíssima, mas velada, que ali estava à sua espera.

Já em 1345 fora Cícero. Lá descobrira, na Biblioteca Capitolare, os livros das cartas *Ad Atticum*, *Ad Quintum Fratrem*, *Ad Brutum* e ainda um apócrifo.

Andavam perdidos e pareciam ter ficado ali, aguardando pacientemente, durante séculos, os olhos, os ouvidos e a mão de Petrarca. Foi ele próprio quem os copiou integralmente, com dificuldade, é certo, porque andava aleijado de um braço.

O entusiasmo superou as maleitas do corpo. O códice é tão volumoso, que tem de o pousar no chão do seu *studium*. Cada vez mais alquebrado do braço, é agora a perna a dar-lhe cuidados. Uma ponta da túnica prendeu-se-lhe na pilha de Cícero, que lhe caiu com força um pouco acima do artelho esquerdo (Fam. 21. 10).

Não foi coisa de nada, se ele, homem rijo, se lamenta ao amigo Boccaccio da sua ferida ciceroniana, *vulnus illud Ciceronianum* (Var. 25). A ferida sarou, mas a cicatriz de Cícero, essa, não. Gravou-se-lhe no corpo, como uma tatuagem, *stigma*

perpetuum Cicero mihi meus affixit (Var. 25). Para Petrarca os livros têm corpo e alma.

Foi Cícero a dar-lhe a ideia de compilar numa grande recolha, também ele, as suas cartas latinas em prosa. Pôs mãos à obra de imediato. Começou a organizá-la pelo fim, pelo último livro da compilação, que depois havia de ter o número XXIV. Nele reuniu cartas, enviadas pelo túnel do tempo aos grandes autores da Antiguidade com quem estava habituado a confabular: Cícero, Séneca, Varrão, Quintiliano, Tito Lívio, Horácio, Homero e Sócrates. Homero faz excepção nesta lista, porque com ele tinha um outro tipo de entendimento. Era objecto de contemplação. A esse conjunto de epístolas, dedicadas aos escritores da Antiguidade que mais apreciava, chamou *Antiquis illustrioribus*. São rasgos de ficção suculentos. Tão suculentos como a nota em que regista a morte de Laura, na folha de guarda do seu códice de Virgílio, o chamado Virgílio Ambrosiano (fig.3), para dar realidade à personagem de ficção que criara.

Escreveu de imediato a primeira carta, não por acaso dirigida a Cícero. Cícero era a estrela polar do estilo e da racionalidade de Petrarca. Dele obteve muitas informações acerca de Homero. Sabia até, como o lera na *Arte poética* de Horácio, que tinha feito uma tradução de Homero, porém perdida (*Ars Poet.* 141-141; *Var. 25*). Contudo, para Cícero, o grande poeta é Virgílio.

O códice mais luxuoso guardado por Petrarca no seu *armadium* é o Virgílio Ambrosiano. A iluminura que ocupa todo o verso do primeiro fólio, encomendada ao pintor Simone Martini, é um manifesto iconográfico do seu programa literário. À esquerda, Eneias, o guerreiro, uma adaga na cintura e um bastão na mão direita, domina a cena com discrição.

Três anos volvidos sobre o encontro com Cícero na Biblioteca Capitolare de Verona, Petrarca tem um outro encontro decisivo em Verona, desta feita com uma pessoa de carne e osso, Nicolas Sygeros.

III

Nicolas Sygeros era um dos três embaixadores enviados pelo imperador bizantino Ioanes Paleologos a Veneza para conversações com o Doge. Pouco tempo depois de chegar foi a Verona, onde em Janeiro de 1348 se encontrou com Petrarca. Era um homem de grande cultura e de bom trato que se dedicava, em particular, ao estudo de Macróbio. Entre Sygeros e Petrarca correu de imediato o fluido que atrai quem ama os livros.

É assim que, entre finais de 1353 e princípios de 1354, Petrarca recebe uma encomenda contendo Homero em original grego. O tal Homero mudo para o seu ouvido surdo, *Apud me mutus, imo vero ego apud illum surdus sum (Fam. 18. 2)*. Rejubilou.

Na já citada carta que envia a Sygeros, escrita num latim elegantíssimo, não tem palavras para agradecer a oferta, *quo nullum vel te dignius vel michi gratius*, que não podia ser mais digna para quem a fez nem mais grata para quem a recebeu.

Não há elogios que lhe bastem para enaltecer o generoso amigo: *clari animi*, alma nobre; *singularis es vir*, homem único; *ab acie vulgari tota intentione remotissimus*, de todo distanciado do que é vulgar; *vir optime*, homem de excepção; *vir ingeniosissimus atque eloquentissimus*, homem de muito engenho e de muita eloquência (*Fam.* 18. 2). Se não há livros que saciem Petrarca, aquele Homero *mudus* está ali a miná-lo. Termina a carta com um pedido, o de que Sygeros lhe envie ainda Hesíodo e Eurípedes. Os gregos Hesíodo e Eurípedes, também eles, para *gaudium* do olhar.

Apesar de o Homero que tem nas suas mãos ser desprovido de corpo vocal, apressa-se a dirigir uma epístola ao poeta da *Iliada* e da *Odisseia*. Faz parte, também ela, do *Antiquis illustrioribus*. Tem a particularidade de se apresentar como alegada resposta a uma outra carta anteriormente enviada, pelo próprio Homero, a Petrarca. Suspeitou-se que a dirigir-lhe essa tal carta fosse Boccaccio. Mas Petrarca, na sua resposta, defende Florença de críticas que não condizem com os horizontes do amigo toscano. Também se desconfiou de Pietro da Moglio. Era então lente em Bolonha e só em Novembro de 1362 se transferiu para Pádua e veio a ficar amigo de Petrarca e de Boccaccio. Nessa altura, não tinha acesso a tais esferas. Falou-se de anónimos, gente sem nome, ninguém, como no episódio de Ulisses e do Ciclope. Petrarca dá a entender dirigir-se a alguém ligado a Bolonha, nobre albergue dos estudos, pela qual suspira, *tua illa Bononia quam suspiras, studiorum licet hospes amplissima* (*Fam.* 24. 12). Mas quem suspira é quem escreve a carta, *illum amplexus ac suspirans*, é quem suspira por Homero e o abraça, como confessa a Sygeros ao agradecer-lhe a oferta (*Fam.* 18. 2). Se os vários cenários montados não se adaptam nem a Boccaccio, nem a Pietro da Moglio, muito menos a Homero. Da tal carta do pseudo-Homero não há rasto. Havia qualquer coisa a aguilhoar Petrarca e a incitá-lo a escrever a Homero, mesmo sendo um surdo a escrever a um mudo.

A carta é um desconcertante jogo de fascínio e mistério. Discorre sobre a comunicação entre quem usa línguas diferentes e sobre a imitação. Que é dizer, sobre a ficção, de um modo ou de outro. O Petrarca começa por reconhecer que não existe entre eles uma língua em comum, *lingue commercium* (*Fam.* 24. 12). Se ele não aprendeu grego, Homero esqueceu o latim, no sentido em que os tradutores de grego para latim o votaram ao olvido e deixaram de lhe dar voz. E contudo está-lhe a escrever.

A voz que fala em latim ciceroniano é a do sonho humanista. O Homero a quem se dirige, mais do que o poeta de uma Hélade primordial, é o Homero revivificado pelo tempo, pelos leitores dos séculos vindouros, pela latinidade e pela translação do seu mundo para a contemporaneidade. Petrarca tem o pressentimento de que o novo capítulo que vai trazer Homero para o seu tempo está prestes a iniciar-se. Homero vai começar a falar e falará latim ciceroniano. Uma língua do porvir, ou um desejo de língua instigado pela *cupiditas* humanista.

A expectativa não vem do nada. Como explica a Homero, um novo projecto está em curso, do qual já viu alguma coisa, *preter enim aliquot tuorum principia librorum* (*Fam.* 24. 12). É já o segundo.

O primeiro, conta, fora tristemente truncado pela morte do seu protagonista, quando ainda ia nas suas primícias, *in ipso studiorum lacte moriens* (Fam. 24. 12). A morte, presença sempre latente, infiltrada naquele significantemente mudo e surdo.

O segundo estava então a ganhar corpo, tão prazenteiro como as colinas do Arno, os nobres engenhos que as habitam e os rouxinóis que nelas nidificam, *noster tibi Arnus nostrique colles placeant, ubi et nobiles ingeniorum scaturigines erumpunt et dulces nidificant philomene* (Fam. 24. 12).

Entregava-se a esta nova oportunidade com o sentimento vivo de uma morte a recuperar, a morte de Barlaam, *preceptor meus* (Fam. 24. 12). Escassos meses de convívio entre ambos foram suficientes para nele erigirem o prazer da esperança, *qui cum iocundissimam me in spem erexisset* (Fam. 24. 12). Esperança gorada.

IV

Foi Barlaam a proporcionar a Petrarca o primeiro contacto com a língua grega. Era um monge e sacerdote calabrês que estudara em Arta, em Tessalónica e em Constantinopla. Em 1341 apanhou uma barça que o levou de regresso à Calábria e depois até Nápoles. Teve de procurar refúgio por causa de uma diátribe teológica em que se envolvera. Foi-lhe depois arranjada melhor acomodação em Avinhão. Barlaam seguia o filão dissidente que a Igreja de Constantinopla continuava a predicar, não obstante todos os tratados para a unificação das Duas Igrejas. A precedência do Espírito Santo era para ele ponto assente. Mas Avinhão não fecha as suas portas a espíritos nobres.

É aí mesmo que Petrarca o conhece, na cidade papal, e não desperdiça a oportunidade de aprender grego (Fam. 18. 2). Os seus sonhos e os de Barlaam cruzam-se.

Combinam um intercâmbio. Barlaam ensina grego a Petrarca e Petrarca dá-lhe lições de latim ciceroniano. O que os monges calabreses sabem de grego falta-lhes no latim. Contudo, a aprendizagem de Petrarca não vai além de um nível muito elementar.

Iam esses encontros a dar os primeiros passos e Barlaam volta a fazer-se ao caminho.

Designado Bispo de Gerace, regressa à sua Calábria natal. Morre pouco depois.

Petrarca não nega ter ajudado na sua ascensão:

Barlaam nostrum michi mors abstulit et, ut verum fatear, illum ego michi prius abstuleram; iacturam meam, dum honori eius consulerem, non aspexi; itaque dum ad episcopium scandentem sublevo, magistrum perdidit sub quo militare ceperam magna cum spe.

(Fam. 18. 2)

Se a morte privou Petrarca de Barlaam, o aprendiz de grego reconhece, *ut verum*, que ele próprio dele se privara. Empenhado em lhe arranjar um lugar melhor, não viu quanto ia perder. A ajuda que lhe deu para ascender ao episcopado teve por consequência a separação de um mestre que lhe inspirava tantas esperanças helenistas.

O discípulo ávido ofereceu ao mestre dilecto, também seu aluno de latim, a oportunidade de partir para a Calábria. A conciliação entre o empenho de Petrarca na aprendizagem de grego e na atribuição de honrarias a Barlaam escapa a um ponto de fuga. Quando entreviu uma nova oportunidade, não a quis perder, como conta a Homero. O homem que vai pôr Homero a falar latim fora também discípulo de Barlaam, mas na Calábria, o que Petrarca talvez não soubesse. Chama-se Leôncio Pilatos.

V

Fim de tarde, a gôndola do chanceler Benintendi de' Ravegnani passa pelo palácio Molin, ali ao lado, na Riva degli Schiavoni, para ir buscar Petrarca (*Sen.* 3. 1). Os anos pesam-lhe, mas lá consegue vencer o passadiço para se sentar no banquinho que o embala, forrado de veludo e damasco. Também levam muitas vezes Boccaccio, Donato Albanzani e mais um ou outro amigo íntimo. São os apetecidos momentos de lazer do chanceler Ravegnani, depois de uma jornada entre negociações e marcas de lacre. A embarcação bordeja San Giorgio, passa a Giudecca e depois faz-se ao largo. O sol baixo reflecte-se nas águas da Laguna, a noite começa a cair.

Falam de tudo, da situação em Avinhão, da *vida* de São Pedro Damiano que andam a ler, dos conselhos de Santo Agostinho e de São Jerónimo na preparação para a morte. Tema recorrente é a tradução de Homero para latim que Leôncio Pilatos tem em mãos e que Petrarca tanto deseja ver e ler antes do fim dos seus dias.

Petrarca mora agora em Veneza, para onde se muda em 1361. O seu ardor homérico é notícia. Quando, há algum tempo, chegara a Pádua um manuscrito de Homero, o mercador foi-lho logo mostrar. Não o achou melhor do que o que já tinha, preciosa oferta de Sygeros, e por isso não fechou negócio. Passados uns meses acabou por o comprar (*Var.* 25). O que o fez mudar de ideias foi ter conhecido Leôncio Pilatos. Leôncio sabia grego. Logo começou a congeminar, com Boccaccio, como a partir daí se podia pôr Homero a falar latim. Chegou mesmo equacionar uma separação drástica do amado manuscrito que Sygeros lhe oferecera. Seria demasiado doloroso. Mas colocou-o à disposição de Leôncio. Feitas as contas, a sua surdez seria sarada e redimida pela loquacidade de um Homero latino.

Esta questão ficou sanada com a aquisição do manuscrito de Pádua. Uma outra havia porém a resolver, a acomodação de um tradutor que não era pouco exigente.

Cerca de dez anos antes, mais precisamente em 1351, Boccaccio fora portador de um convite, dirigido a Petrarca pelo Prior das Artes e pelo Magistrado Supremo de Florença. Na carta que lhe dirigiam, além de lhe comunicarem a restituição dos bens confiscados a seu pai, rogavam-lhe que viesse viver para Florença e que viesse para a Universidade reger uma cátedra à sua escolha. Petrarca declinou o convite, como sempre com maneiras. As autoridades de Florença não puseram de lado a ideia e continuaram a insistir.

Não foi Petrarca a ir para a Universidade de Florença. Foi Leôncio Pilatos. E com ele o códice homérico de Pádua adquirido por Petrarca. O poeta não poderia fundar uma cátedra de grego na Universidade de Florença. Fundou-a Leôncio Pilatos em 1360 e foi a primeira do Ocidente latino.

Boccaccio, nas *Genealogie deorum gentilium*, vangloria-se do seu expediente:

Nonne ego fui qui Leontium Pylatum, a Venetiis occiduam Babilonem querentem, a longa peregrinatione meis flexi consiliis, et in patria tenui, qui illum in propriam domum suscepi et diu hospitem habui, et maximo labore meo curavi, ut inter doctores florentini Studii susciperetur, ei ex publico mercede apposita? Fui equidem!

(*Genealogie deorum gentilium* 15. 7)

O orgulho que tem na sua habilidosa manobra está bem vivo no tom enfático da interrogação retórica. *Nonne ego fui qui*, não fui eu próprio que, com as minhas palavras, dissuadi Leôncio Pilatos da longa viagem que estava prestes a empreender, de Veneza até à Babilónia Ocidental, ou seja, a turbulenta Avinhão, o mantive comigo em Florença e o hospedei durante muito tempo na minha casa, fazendo todos os esforços para que os lentes do Estudo florentino o assumissem e para que fosse pago? *Fui equidem*, conclui.

Mais do que isso se pode vangloriar de ter sido o primeiro italiano a ouvir Homero. A ouvir Homero falar latim, é claro: *Ipse ego fui, qui primus ex Latinis a Leontio in privato Yliadem audivi* (*Genealogie deorum gentilium* 15. 7).

Enquanto isso, Petrarca continua a abraçar Homero. Suspira agora pela tradução em prosa que Leôncio está a preparar. Dela vai pedindo notícia nas várias cartas que envia ao amigo Boccaccio, ouvinte privilegiado de Homero. Quem sabe porque teria pedido a tradução de um passo específico, precisamente o da descida de Ulisses aos infernos (*Sen.* 3. 6). Quem sabe porque lhe teria sido enviado um outro, que não era o que queria (*Sen.* 5. 1).

Uma parte da tradução chega-lhe em 1366, o trabalho completo em fins de 1367 ou inícios de 1368 (*Sen.* 6. 2). Faltava ainda a transcrição, que foi feita pelo seu copista predilecto, Giovanni Malpaghini. O derradeiro trabalho de Malpaghini.

Petrarca adorava o jovem e não lhe negava talento. Tratava-o como um filho e começava a preparar o seu futuro, encaminhando-o para a carreira eclesiástica (*Sen.* 5. 5; 5. 6; 11. 8, 9; 15. 12). Mas Malpaghini tinha as suas ideias. Deixou o poeta na Primavera de 1367 com propósitos de tentar a sua sorte em Avinhão. Não lhe correu bem e voltou. Petrarca acolheu-o. Acabou de transcrever a tradução de Leôncio e partiu de novo no ano seguinte, desta feita munido de cartas de recomendação assinadas pelo envelhecido amo que tanto o amava.

Nunca mais o viu. Também nunca mais viu Leôncio Pilatos, embora a história seja outra. É como se a mudez de Homero puxasse para si quem falava com ele, um a um.

VI

Quando a ideia da tradução começou a ganhar contornos mais precisos, Petrarca confrontou Boccaccio, preto no branco, com o aventureirismo da empresa (*Var.* 25). Para dar maior consistência às suas observações, munuiu-se, nada mais nada menos, do que da autoridade do exegeta da *Vulgata*, São Jerónimo. Na sua introdução à tradução do *Chronicon*, de Eusébio de Cesareia, São Jerónimo deixa claro que nunca uma tradução

em prosa, de grego para latim, deixará de estragar a elegância do texto original. A nova ordem das palavras fará rir e um poeta consagrado passará a parecer um debutante. O exemplo que dá é precisamente o de Homero. Petrarca não quer que fique a pairar qualquer dúvida e escreve nessa mesma carta: digo-te isto enquanto é tempo, para que tu depois não vejas que tanto trabalho foi em vão, *haec dixi ut, dum tempus est, videas ne tantus labor irritus sit* (Var. 25).

Leôncio traduzia *verbum de verbo*, colocando sobre cada palavra grega a latina, no espaço entre as linhas. O fragmento que Petrarca tinha visto não lhe desagradara, apesar de lhe confirmar a opinião de São Jerónimo, *etsi Hieronymi sententiae faveat, placet tamen* (Var. 25).

Já na carta que dirigira a Homero se referia com entusiasmo condicional aos progressos da tradução do *thesalus*, ou seja, de um Leôncio Pilatos nativo de Tessalónica: *si thesalus tuus cepta peregerit* (Fam. 24. 12).

Leôncio não era pessoa fácil. *Leo thesalus*, Leôncio de Tessalónica, acreditou Petrarca. Mais tarde percebeu, sabe-se lá por que via, que Leôncio era um calabrés de gema. Não era difícil intuí-lo. Quando traduzia, às vezes não lhe ocorria a palavra latina. Recorria então a regionalismos da Calábria que não enganavam ninguém. Ser grego de Tessalónica elevava a patente de quem tinha ambições materiais. E engrandecia o amor próprio do calabrés.

Também Boccaccio se enganou e foi enganado. Chama-lhe Leon Tessalo em várias ocasiões (no comentário à *Commedia*, nas *Genealogie deorum*, etc.). Até no contrato com a Universidade de Florença é dito *maestro Leonpilato di Tessaglia*. Já depois de morto, Leôncio continuou a mentir a outros letrados de alto coturno, como o abade de Sade e até Anton Maria Salvini. Salvini, que acreditaram que era de Tessalónica assumiu em 1677 a cátedra de grego, fundada pelo próprio calabrés em Florença, e pôs o Homero da *Iliada* e da *Odisseia* a falar italiano.

Nem depois da sua morte Petrarca poupa Leôncio. É ele quem informa Boccaccio do seu funesto fim, em carta de 1366. O embuste da natalidade, esse, nunca lho perdoa. Em Itália diz-se grego, fora de Itália italiano, conforme lhe dá mais jeito, *tamen ut apud nos graecus sit, apud illos puto italus, quo scilicet utrobique peregrina nobilitetur origine*. Chama-lhe um grande animal, *magna velva*. Descreve-o como um homem de aspecto tenebroso, *aspectu horridus*, de semblante disforme, *turpi facie*, de barba hirsuta e guedelhas negras, *barba proluxa et capillitio nigro*, de trato grosseiro, *moribus incultus*, e com falta de urbanidade, *nec satis urbanus homo*. Tudo isto envolto pela áurea de um pensador exótico, *meditatione occupatus assidua* (Sen. 3. 6).

Ao seu cúmplice na aventura homérica, que fora anfitrião de Leôncio durante toda a sua estadia em Florença, Petrarca conta com detalhe o que acontecera ao lente depois de ter fugido desta cidade (Sen. 3. 6; 6. 1). Aproveitara a ausência de Boccaccio, que tinha ido a Nápoles, para se escapar. Viajara até Veneza e Petrarca hospedara-o de novo em sua casa. O seu estado era tal que a preocupação em lhe salvar a alma da morte se sobrepôs à *cupiditas* homérica. Levava consigo a tradução mas não lha deixou ver. A cicatriz ciceroniana de Petrarca latejava.

Não o conseguiu impedir de partir para Constantinopla. Deu como companheiro de viagem, a esse homem soturno, não um epítome catequético, mas as comédias de

Terêncio. Sabia que ele gostava, diz. Acrescentando que nem ele próprio sabe o que há de comum entre esse grego lúgubre, *Graius ille moestissimus*, que grego não é afinal, e aquele africano divertidíssimo, *Affro jucundissimo* (Sen. 3. 6).

O que mais desagradava a Petrarca eram os improperios que Leôncio lançava em catadupa, a toda a hora, contra a Itália e os italianos. Quando o vê partir, saturado, desabafa: *senescat per me licebit in silvis Hemoniis, e Graecis esca sit verminibus*, oxalá passe o resto dos seus anos nas selvas de Emona e sirva de pasto aos vermes gregos (Sen. 5. 3).

Não foi aos vermes gregos que Leôncio serviu de pasto.

VII

Atravessou todo o Mediterrâneo, o Bósforo, o Mar da Mármara, o Helesponto. Chegado ao seu destino, passou a maldizer Bizâncio e os bizantinos (Sen. 3. 6). Voltou para trás e de regresso percorreu mais uma vez o Egeu e o Jónico, mas o Adriático não o atravessou todo. Quando a embarcação em que seguia foi colhida por uma tempestade, desesperado, agarrou-se ao mastro. Caiu um relâmpago e ficou carbonizado. Deitaram-no ao mar.

Petrarca vaticinara que o seu corpo havia de servir de pasto aos vermes gregos. Enganou-se mais uma vez. Foi pasto para os peixes italianos. Reconhece-o: aquele que eu noutra carta dissera ser bom para os vermes gregos, veja-se, é alimento para os peixes italianos, *quem alia ad te epistola, Graecis escam vermibus destinaram, heu, Italis cibus est piscibus* (Sen. 3. 6).

Contudo, na série de cartas em que, muito impressionado, conta tudo isto ao amigo Boccaccio, pergunta primeiro pela tradução de Homero. E continua à espera. É então que se dá conta que Leôncio é surdo, mais surdo do que um pedregulho, *surdior scopulis* (Sen. 3. 6). A pior surdez. Leôncio nunca poderia ouvir Homero.

Petrarca perdera Barlaam. Erigiu as suas esperanças, para logo partir numa viagem sem regresso, cuja passagem ele próprio lhe oferecera. Perdera Sygeros na lonjura. Perdera o calabrés de Tessalónica e daí a pouco tempo havia de perder a dedicação do seu adorado Malpaghini. *Alterius mors*.

Traduzido por Leôncio Pilatos e copiado por Giovanni Malpaghini, tinha o Homero latino cuidadosamente guardado no seu *armadium*. Arrumado lá no fundo, quase não se via. Demasiadas recordações para um coração cansado de entusiasmos e desgostos. Do erudito que em Avinhão lhe ensinara as primícias da língua grega, enquanto sonhava com Laura e lhe dedicava versos em língua vulgar. Do requintado embaixador bizantino que lhe oferecera um manuscrito íntimo. Do amigo dilecto que o acompanhara no jogo de xadrez entre Veneza, Pádua, Avinhão e Florença. Do cenáculo que discutia Cícero e Homero pelas sombras da Laguna. De um copista que o fazia estremecer. E de um tradutor mais surdo do que um pedregulho.

Homero continuava a ser *mudus* para o seu ouvido *surdus*. Petrarca queria que assim fosse, com a *cupiditas* de sempre. Era o seu *gaudium*. Esse códice, podia abraçá-lo, podia contemplá-lo. Até ao último suspiro por aquilo que a vida não lhe deu, mas que o humanista nele sempre encontrou.

BIBLIOGRAFIA

1. Para as cartas de Francesco Petrarca, usaram-se as edições:

Petrarca, Francesco (ed. crítica per cura di Rossi, Vittorio; Bosco, Umberto) (2008). *Le familiari* (4 vols.). Firenze: Le Lettere.

Petrarca, Francesco (a cura di Rizzo, Silvia; Berté, Monica) (2006-2014). *Res seniles* (2 vols.). Firenze: Le Lettere.

Petrarca, Francesco (1554). *Opera omnia*. Basileae: Henrichus Petri; <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.31822038200671;view=1up;seq=7> (consultado a 30-11-2016).

Para as *Genealogie deorum gentilium*:

Boccaccio, Giovanni (a cura di Zaccaria Vittorio) (1998). *Tutte le opere* (vols. 7-8). Milano: Mondadori.

2. Sobre a biblioteca de Petrarca, ver a perspectiva de conjunto, com bibliografia e ponto de situação dos estudos que lhe têm vindo a ser dedicados, contida em Feo, Michele (a cura di) (2003). *Petrarca e il tempo. Tradizione lettori e immagini delle opere*. Pontedera: VII Centenario della Nascita di Francesco Petrarca.

A *Iliada* oferecida por Nicolas Sygeros a Petrarca encontra-se na Biblioteca Ambrosiana de Milão, onde tem a cota I 98 inf.

Na Biblioteca Marciana de Veneza, conservam-se dois manuscritos autógrafos de Leôncio Pilatos em grego com tradução interlinear latina, gr. cl. IX, 2, que contém a *Iliada*, e gr. cl. IX, 29, que contém a *Odisseia*. Uma execução sem cuidados caligráficos, bem como a abundância de notas e comentários sobrepostos sugerem que se trata de uma versão de trabalho, apesar de não corresponder à primeira tradução de Leôncio.

A cópia da tradução latina em prosa da *Iliada* e da *Odisseia*, de Leôncio Pilatos, supostamente tirada a limpo por Giovanni Malpighini, corresponde ao manuscrito Lat. 7880 1 / 2 da Bibliothèque Nationale de Paris, editado por Tiziano Rossi: (2003). *Il codice parigino latino 7880. 1. Iliade di Omero tradotta in latino da Leonzio Pilato con le postille di Francesco Petrarca*. Milano: Libreria Malavasi; (2016). *Il codice parigino latino 7880. 2. Odissea di Omero tradotta in latino da Leonzio Pilato con le postille di Francesco Petrarca*. Milano: Libreria Malavasi. Petrarca anotou-o a até ao verso 242 do II livro da *Odisseia*. Nos séculos seguintes, o códice teve outros ilustres apostilhadores.

Além do manuscrito que lhe foi oferecido por Nicolas Sygeros, Petrarca possuía um outro volumoso códice em grego, um cartapácio do século IX de 344 fólios com a obra de Platão, actual manuscrito Gr. 1807 da Bibliothèque Nationale de Paris.

A lista dos *libri mei peculiare*s foi registada na folha de guarda do manuscrito Lat. 2201 da Bibliothèque Nationale de Paris, um códice do século XII que contém o *De anima* de Cassiodoro e o *De vera religione* de Agostinho.

O Virgílio Ambrosiano pertence à Biblioteca Ambrosiana, de Milão, onde tem a cota A 79 inf. É ornamentado por uma iluminura de Simone Martini (fig. 3) e na sua folha de guarda foi registada a nota sobre a morte de Laura e de alguns amigos de Petrarca.

3. Sobre a questão homérica, são fundamentais Pertusi, Agostino (1964). *Leonzio Pilato fra Petrarca e Boccaccio. Le sue versioni omeriche negli autografi di Venezia e la cultura greca del primo umanesimo*. Venezia-Roma: Istituto per la Collaborazione culturale; Di Benedetto, Filippo (1969). *Leonzio, Omero e le Pandette. Italia Medioevale e Umanistica*, 12, 53-112; Feo, Michele (1974). *Inquietudini filologiche del Petrarca: il luogo della discesa agli Inferi. Italia Medioevale e Umanistica*, 17, 115-183; bem como o conjunto de estudos reunidos em Mazzucchi, Carlo Maria; Fera, Vincenzo (eds.) (2002-2003). *Quaderni Petrarqueschi*, 12-13.
4. A autoria da carta de ficção, dirigida por Homero a Petrarca, foi atribuída a Boccaccio por Agostino Petrusi (196, 77-111), Cesare Federico Goffis ((1975). *L'epistola del Petrarca ad Omero*. In *Il Petrarca ad Arquà. Atti del Convegno di Studi [...]*. Padova: Antenore, 149-164) e Giuseppe Billanovich ((1947). *Il Petrarca letterato. Lo scrittoio del Petrarca*. Roma: Storia e Letteratura, 246-248). Ernst Hatch Wilkins propende para Pietro da Moglio ((2003) (a cura di Rossi, Luca Carlo; trad. Ceserani, Remo). *Vita del Petrarca e La formazione del Canzoniere* (nuova edizione). Milano: Feltrinelli, 225); sobre Pietro da Moglio, ver Ruiz Arzálluz, Iñigo (2007-2008). *Petrarca, el texto de Terencio y Pietro da Moglio*. In Coppini, Donatella; Feo, Michele (a cura di), *Quaderni Petrarqueschi*, 17-18, 765-812; mais cautelosamente, Manlio Pastore Stocchi reenvia genericamente para os círculos de Pádua ((2003). *Riflessioni sull'epistola a Omero*. In Berra, Claudia (a cura di). *Motivi e forme delle Familiari di Francesco Petrarca [...]*. Milano: Cisalpino, 119-147).



Fig. 1 Petrarca no seu studium. Biblioteca Trivulziana, Milão, cod. 905. Manuscrito iluminado por Francesco di Antonio del Chierico e copiado por Antonio di Francesco Sinibaldi.

Fig. 2 Paisagem de Vaucluse desenhada por Francesco Petrarca, 1351. Desenho a tinta, Paris, Bibliothèque Nationale, ms. lat. 6802.

Fig. 3 Miniatura de Simone Martini. Biblioteca Ambrosiana, Milão, A 79 inf.

delphica

letras & artes

EDITORES

José Manuel de Vasconcelos | Rui Vieira
Jorge Fernandes | Vergílio Alberto Vieira

CONSELHO CIENTÍFICO

Antonio Catalfamo (Universidades de Cassino e de Messina)
Delfim Ferreira Leão (Universidade de Coimbra)
Denis Montebello (escritor, classicista)
Eugénio Lisboa (Universidade de Aveiro)
Fernando J. B. Martinho (Universidade de Lisboa)
Gonçalo Villas-Boas (Universidade do Porto)
Helder Macedo (King's College)
João Barrento (Universidade Nova de Lisboa)
Joaquim-Francisco Coelho (Universidade de Harvard)
Maria do Céu Fialho (Universidade de Coimbra)
Rita Marnoto (Universidade de Coimbra)

DESIGN | COMPOSIÇÃO

Amadeu Santos

Imagem da Capa

Armando Alves. *Pintura*, 1985

Técnico Gráfico

César Antunes

Impressão

Graficamares, Lda.

Depósito Legal

365523/13

ISSN

2183-699X

CRESCENTE BRANCO

Associação Cultural e Recreativa
Rua Prof. Machado Vilela, 110 – 9.º, Sala 1
4715-045 Braga-Portugal